

COIMBRA • 2016

61

BOLETIM DE

**ESTUDOS
CLÁSSICOS**

ASSOCIAÇÃO
PORTUGUESA
DE ESTUDOS
CLÁSSICOS

INSTITUTO
DE ESTUDOS
CLÁSSICOS

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

A UMA GARFADA DA FELICIDADE. A GULA E O PECADO EM *A FESTA DE BABBETTE*

A FORKFUL TO HAPPINESS. THE GLUTTONY AND SIN IN *BABBETTE'S FEAST*

CAMILA MOREIRA BÁCSFALUSI

MESTRE EM ALIMENTAÇÃO – FONTES, CULTURA E SOCIEDADE

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

camilambacs@hotmail.com

Resumo: Quando a comida sai da cozinha e é colocada na literatura, no cinema, e nas artes em geral, pode ser envolvida de uma forma ampla, alcançando seus significados culturais, religiosos, sociais e económicos. O artigo aborda a temática alimentar inserida no cinema e o seu papel como recurso narrativo ou elemento narrativo principal. O objetivo foi analisar o filme *A Festa de Babbette*, dirigido por Gabriel Axel, em 1987, relacionado com a gula e o pecado. A metodologia seguida compreendeu a análise fílmica de *A Festa de Babbette* e pesquisas bibliográficas.

Palavras-chave: alimentação; cinema; gula; pecado.

Abstract: When the food comes out of the kitchen and is placed in literature, movies, and in all kind of art, it can be expressed as its many meanings, reaching its cultural, religious, social and economic meanings. The article presents the food as a subject in the movies and its role as a narrative resource or a main narrative element. The aim of this study was to analyze the film *Babbette's Feast*, directed by Gabriel

Axel, in 1987, related to gluttony and sin. The methodology was the film analysis of *Babette's Feast* and bibliographic research.

Keywords: food; movies; gluttony; sins.

INTRODUÇÃO

A alimentação é uma das necessidades básicas para a sobrevivência dos organismos vivos e é incluída em várias expressões artísticas, como na literatura e no cinema. Porém, a temática alimentar comumente é referida de forma secundária ao enredo. Apenas em alguns filmes os alimentos são colocados em foco na narrativa para que, através dela, a intensidade e a singularidade das relações humanas sejam apresentadas¹.

A Festa de Babette é um dos primeiros filmes que tem como temática central a alimentação². Com o título original de *Babettes Gæstebud* é um filme dinamarquês de 1987 dirigido por Gabriel Axel. Sua produção foi baseada no conto de Karen Blixen, escritora dinamarquesa cujo pseudônimo é Isak Dimensen³.

Seguindo a ideia colocada por Parasecoli⁴ de que a comida, quando colocada no cinema, constitui um campo de pesquisa interdisciplinar, o presente trabalho pretende abordar a temática alimentar no filme *A Festa de Babette* com foco em “a gula e o pecado”.

1 Cardoso e António 2006: 153. É necessário sublinhar que, de facto, observa-se um crescimento de produções fílmicas onde a alimentação é tratada como elemento central, emergindo um novo género denominado por alguns críticos e investigadores de “food film” (como as obras produzidas recentemente, a saber: *Ratatouille* [Bird 2007] e *Julie and Julia* [Ephron 2009]). Desta forma, a comida, como componente da narrativa, é também uma ferramenta importante para a expressão e interação entre os personagens, além de contribuir para a construção de um ambiente realista relacionado a determinado período cronológico e espaço (Parasecoli 2015: 39).

2 Como exemplos da década de 1980, além da *A Festa de Babette* (Axel, 1987), assinalamos ainda o filme *Tampopo* (Itami, 1985).

3 André 2002: 64.

4 Parasecoli 2015: 40.

Para isso, apresentaremos um resumo da narrativa e do tema, exemplificando com situações inseridas no discurso fílmico de *A Festa de Babette*. O caminho metodológico para a elaboração do trabalho compreendeu a análise fílmica e consultas a materiais bibliográficos, como livros e artigos científicos disponíveis na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e em revistas científicas online.

Assim vemos a comida saindo da cozinha e alcançando a literatura e o cinema. Quem assiste ao filme é convidado a observar a gastronomia quanto ao imaginário, ao simbólico, às representações e às diversas formas de sociabilidade ativa. Pois o alimento é mais do que um elemento fornecedor de energia e nutrientes para a vida do organismo humano, sendo também uma fonte histórica e cultural⁵.

A NARRATIVA

O filme apresenta uma narrativa que decorre na maior parte do tempo na Jutlândia, na Dinamarca, durante o final do século XIX. Duas irmãs, Martine e Filippa, vivem nessa aldeia afastada e se dedicam à caridade, cozinhando e levando refeições até às casas de idosos, que também são moradores na Jutlândia. Durante toda a vida das irmãs elas foram fiéis ao pai e à religião, sendo que nunca se casaram embora tivessem pretendentes, como Lorens e Papin. Todos na aldeia vivem sob as regras religiosas protestantes⁶, sendo o pai das irmãs quem exercia papel de pastor.

Em 1871, em uma noite de tempestade, as irmãs recebem Babette à sua porta, uma francesa refugiada da guerra civil da França, e, a partir de então passa a morar e trabalhar na casa de Martine e Filippa.

5 Reinhardt 2007: 15; Maciel 2005: 49-50; Santos 2005: 12-13.

6 A origem dos nomes de Martine e Filippa, dados pelo pai delas em inspiração a Martinho Lutero e Filipe Melanchton, respectivamente, ambos foram figuras responsáveis pela Reforma Protestante do século XVI.

Quatorze anos depois, celebra-se o centenário do nascimento do pastor e pai das irmãs, que decidem organizar um pequeno encontro entre a comunidade para se lembrarem do respeitado senhor, que já havia falecido. Babette, que tinha ganhado na loteria (um amigo seu renovava seu bilhete anualmente na sua pátria mãe), propõe às irmãs produzir um banquete francês. Tal evento provoca inquietações na população e até mesmo nas irmãs, pois, mesmo após a morte do pastor, os dogmas religiosos continuam arraigados, de forma que temem a novidade assombrada pelo pecado.

A GULA E O PECADO EM A FESTA DE BABETTE

As definições de pecado estão relacionadas à moral. Os sistemas morais ou códigos morais são normas de comportamento concebidas pelo homem, pensadas por grupos ou indivíduos, e são resultados de pressões econômicas, políticas, psicológicas, de poder, entre outras, relacionadas com determinado grupo dominante em cada sociedade⁷.

Para Thomson⁸ as componentes da maioria dos códigos morais tendem a ilustrar a fragilidade da autodisciplina humana, demonstrando o limite ténue entre a proteção e o dano. Os códigos morais têm suas características, motivações, sanções e fontes da liderança da moral variáveis, sendo a religiosidade um exemplo. Neste caso, Cristo pode ser considerado um líder moral, enquanto o padre ou o profeta são algumas das fontes de liderança da moral, e o Céu e o Inferno, os motivadores. Neste sentido, atentaremos para os códigos morais de origem divina, especialmente para os do Cristianismo, onde o pecado surge como uma das formas de reafirmar a formação moral⁹.

7 Thomson 2010: 15-16; 21-25.

8 Op.cit.: 29; 58-76.

9 Op.cit.: 70-72.

Identificam-se autores do catálogo dos “pecados mortais” na Antiguidade, como Evágrio do Ponto, em *Practikon*, a coleção de autoria anônima *Apophthegmata Patrum*, Efrém Sírio, em *Logos Asceticos*, e João Cassiano, em *De Institutis Coenobiorum*¹⁰. Estes autores conceberam um catálogo de oito espíritos ou vícios, a saber: a avareza, a ira, a vaidade, a preguiça, a gula, a luxúria, a melancolia e o orgulho.

No século VI o Papa Gregório Magno, na sua obra *Moralia In Job*, reduziu a sete as tentações que prejudicam moralmente o cristão distanciando-o do espiritual. Denominou-os de “pecados capitais”, numa lista cuja formulação persiste até aos nossos dias: soberba, avareza, ira, vaidade, preguiça, gula e luxúria¹¹. Essa listagem dos pecados não surge explicitamente na Bíblia, porém, há várias passagens nesse livro sagrado demonstrando as formas por que o pecado pode atingir o corpo e a alma do homem, algumas das quais serão mostradas ao longo deste trabalho.

Para João Cassiano, a gula é o primeiro vício a ser dominado¹². A gula, como pecado no contexto religioso, é definida pelo consumo em excesso de comida e bebida e pelos desejos e prazeres de comer e beber. Para exemplificar, utilizamos passagens do filme *A Festa de Babette*¹³. Assim, seguindo algumas das considerações sobre a gula feitas por Gregório Magno¹⁴, e as relacionando com o filme em questão, o homem comete este pecado quando¹⁵:

10 Dias 2006: 97-98.

11 Op.cit.: 99.

12 Op. cit.: 158.

13 Axel 1987.

14 Apud Kleinberg 2010: 105.

15 Gregório Magno considera ainda que comete a gula quem antecipa à hora da refeição. Neste caso, apontamos a personagem Comte de Reynaud, em uma das cenas do filme *Chocolate* (Hallström 2000), que pretende evitar esta manifestação da gula. Reynaud é cristão e segue os preceitos da Igreja Católica, principalmente durante a Quaresma que é uma época de reflexão e de jejuns para penitência. Assim, em uma das cenas em que Reynaud está em seu escritório e uma das refeições do dia já está em

— Pensa ou deseja manjares, mesmo na ausência física destes. Antes mesmo dos efeitos prazerosos da ingestão da comida, do contato do alimento com as papilas gustativas, a conquista da boca do homem pelo alimento pode ocorrer através da atração pela beleza da comida se inicia com pensamentos pecaminosos de desejo até ao ato do consumo¹⁶. Tem-se um exemplo na história bíblica de Adão e Eva. O primeiro casal criado por Deus, Adão e Eva, foi expulso do Jardim do Éden após comerem um fruto atraente esteticamente e não pela fome. Este é o pecado original. Em *A Festa de Babette*, uma situação é exemplificada através da fala de uma das moradoras da Jutlândia à mesa, durante o banquete, sobre suas crenças religiosas quanto à alimentação: “O homem não só se absterá, também se rechaçará de qualquer pensamento de comida ou bebida, só então poderá comer e beber no devido espírito”¹⁷.

— Exige alimentos caros e de preparos requintados. Babette gastou dez mil francos para aquele banquete. Para o preparo deste, exigiram-se processos bem elaborados atendendo à variedade de ingredientes para a confecção da sopa de tartaruga e da cordoniz recheada, por exemplo, assim como a requintada apresentação do prato final e a arrumação da mesa, com vários pratos, talheres, taças e entre outros;

— Come em quantidades superiores ao necessário. Verifica-se no expressivo número de pratos e vinhos servidos no banquete de Babette.

uma bandeja posta a sua mesa, o Comte interrompe seu trabalho com um olhar para aquele prato e, de modo a não cometer o pecado da gula e comer antes da hora, coloca o porta-retrato com a fotografia de sua esposa à frente daquela comida e assim deixa de ver a mesma, como se fosse para não cair em tentação.

16 Dias (2008:162) decorre sobre João Cassiano e explicita que há dois combates, a saber, os físicos (do corpo) e os do espírito. Primeiro, e necessário combater os do corpo, controlando a ingestão de alimentos e o apetite. Disciplinado o corpo, tornaria mais fácil dominar o espírito e o intelecto.

17 Outro exemplo é referente ao filme *Chocolate*, onde os moradores de Lansquenetsous-Tannes (pequena cidade fictícia em França) após a abertura da chocolataria por Vianne Rocher (mulher solteira, que junto de sua filha de seis anos, se muda para cidade). Os moradores entendem que o desejo pelo chocolate é intensificado pela exposição dos doces na montra da loja.

Foram degustados cinco pratos, que estavam divididos entre os serviços desde o da entrada ao da sobremesa. Há ainda um total de cinco vinhos saboreados. Do menu francês de Babette constava:

- *Potage à la tortue* (sopa de tartaruga);
- Vinho Jerez Amontillado Viejo Hidalgo;
- *Blinis Demidoff au caviar* (bolinhos cobertos com caviar e creme de leite);
- Champagne Veuve Clicquot La Grand Dame 1860;
- *Caille em Sarcophage* (codorniz recheada com trufas sobre uma massa folheada);
- Vinho Tinto Clos de Vougeot;
- Vinho Sauternes Château de Malle;
- *Le salade* (salada com endivas);
- *Baba au rhum* (bolo de rum com figos e glacê de frutas);
- Queijo e frutas, como figo, abacaxi, papaia e uvas;
- Café;
- Champagne Vieux Marc.

223

A problemática do pecado emerge na Jutlândia com a chegada de Babette¹⁸. Essa verificação é possível quando percebemos o contraste do cotidiano daquele povo antes e depois da vinda da estrangeira. A população da Jutlândia seguia uma rotina, sendo as refeições realizadas com o intuito de comer o básico para suprir as necessidades do corpo humano. A população do vilarejo, em seu cotidiano de obediência aos preceitos religiosos, consome peixe (arenque) e sopa de pão e cerveja, de colorações pálidas, de aspectos e palatabilidade nada estimulantes que são artifícios usados para “fugir” do pecado da gula, enquanto no banquete de Babette a comida é variada, atraente esteticamente, pelos seus aromas e sabores. Além disso, alcança significados mais profundos,

18 Nota-se esse caos à vista quando uma tempestade cai sobre a aldeia no dia em que Babette pisa nessas terras dinamarquesas.

quando tem a proposta de reviver suas lembranças de quando vivia em França, objectivo este que não é inicialmente compreendido pela população. Por isso, para o crítico cinematográfico Rubens Ewald Filho¹⁹: “Babette conhecia os segredos de produzir alegria pela comida”.

Para afastar a gula, renunciar os prazeres do corpo, deve-se esvaziar o estômago, sendo o jejum imposto para alimentar a alma²⁰. Os períodos de abstinências alimentares são comuns para religiosos, por exemplo, na Quaresma. Esta, para o Catolicismo, representa uma época de preparação para a Páscoa, ou seja, para a ressurreição de Cristo, altura em que os cristãos devem refletir e cumprir penitência de seus pecados. Porém, antes disso decorre a época de abundância que é o Carnaval, onde se poderia comer e beber à vontade sem pecar.

Casos de extrema abstinência alimentar podem ser comumente associados às figuras religiosas como “anorexia sagrada”²¹. O objetivo do emagrecimento pelo padrão estético que caracteriza a anorexia dos tempos contemporâneos não existe, mas sim, um desejo de aproximação com Deus através do jejum auto-imposto.

Uma boa manifestação desse contexto surge em outro filme, *Maus hábitos*²², onde a personagem Matilde se dedica à vida conventual. Após ter uma visão de Cristo caminhando sobre águas, interpreta-a como um sinal de um caminho que deve ser seguido e inicia uma preparação de seu corpo através da alimentação. A freira ingere vinagre, coloca demasiada porção de sal em sua comida, come o que já foi para o lixo e depois vive em uma severa restrição alimentar. Lembra-nos das Santas anoréticas da Idade Média como, por exemplo, Santa Catarina de Siena.

Santa Catarina de Siena viveu no século XIV, pertencia a uma Ordem Terceira Dominicana, e exercia trabalhos comunitários. Seguiu uma dieta restrita, alimentando-se de vegetais frescos, ervas amargas

19 Ewald Filho e Lebert 2007: 100.

20 Kleinberg 2010: 109-110.

21 Ver o livro *Holy anorexy*, de Rudolph M. Bell (1987), University of Chicago Press.

22 Bross 2007.

e água. Depois de quatro anos, enquanto tratava de uma mulher com cancro de mama, ela teve uma visão divina e bebeu o pus que da senhora doente se excretava. Após o ocorrido, Catarina de Siena declarou ter visto Cristo durante a noite e que não teria mais a carência de se alimentar dos frutos terrestres. Deixou, então, de comer, aceitando apenas a hóstia²³.

A estranheza suscitada pela história e hábitos de Santa Catarina de Siena decorre da distância a que nos colocamos face aos hábitos e às culturas que são coerentes com a época em que esta viveu. Assim, também a gula como pecado atinge significados distintos nas diferentes sociedades e nos diferentes tempos em que esta já não é vituperada, e em que o desfrutar do prazer à mesa permitido.

Para Thomson²⁴ o controle do apetite é uma das áreas em que as modas tendem a crescer até se tornarem obsessões. Assim sendo, “de tempos em tempos, comer, beber, praticar o sexo e a indulgência materialista crescem ao ponto de produzir uma reação e a abstinência transforma-se numa virtude”.

Notamos que as maneiras de gerir o corpo têm história, evoluem e mudam com o tempo. São funções naturais, mas condicionadas pelo contexto histórico, social e económico. Igualmente acontece com a alimentação²⁵. Ao longo do tempo e da história, a virtude passa a ser relacionada com o uso moderado, e não com a renúncia dos bens de consumo²⁶.

Porém, controlar a ingestão de alimentos e o apetite não está relacionando somente com a religiosidade²⁷. Atualmente, disciplinamos a nossa alimentação, pois conhecemos a relação da dieta com

23 Kleinberg 2010: 115-119.

24 Thomson 2010: 52-53.

25 Elías 1994: 24.

26 Roche 1997: 86.

27 Não somente à religião cristã, mas encontramos restrições alimentares em outras manifestações como o vegetarianismo, por Pitágoras, hinduísmo e budismo. Bem como o calendário de jejuns rituais seguido pelo judaísmo e islamismo (Dias 2008: 160-161).

a saúde, bem como as necessidades calórica-nutricionais mais adequadas para cada indivíduo, de acordo com o sexo, a faixa etária e atividades físicas²⁸.

Retomamos a análise de *A Festa de Babette*, onde a comida francesa, até então desconhecida pelos moradores da vila, a ser servida no banquete de Babette, é a tentação para gula. Se a alimentação, no contexto religioso cristão, deve ser realizada a fim de satisfazer as necessidades fisiológicas para isso, deve-se disciplinar a alimentação, compreendendo os jejuns, a seleção do tipo e quantidade dos alimentos a serem consumidos²⁹, o jantar de Babette foge a essa regra e põe a população da Jutlândia diante da ameaça da gula. A comida assume o papel de objeto de prazer carnal, este que é indesejável para o bom cristão, a população se reúne e decide não realizar nenhum comentário sobre a comida no dia do banquete. Desta maneira, fazem essa oração antes da refeição: “Que o pão alimente o meu corpo. Que meu corpo obedeça à minha alma. Que minha alma sirva a Deus eternamente” e diante deste acordo de ignorar o paladar, criam formas de defesa para afastar a gula e os sentimentos que ela provoca.

O consumo não é impedido, como percebemos quando os pratos retornam vazios à cozinha, como sucede com os pratos onde foi servida a sopa de tartaruga, que regressam quase sem vestígios de que ali até pouco tempo havia comida. O único à mesa a comentar, e mais, a elogiar as iguarias, por ser liberto da virtude moral do pecado, sendo conhecedor de uma cultura diferente dos puritanos da Jutlândia³⁰, é o General que antigamente passou pela aldeia e se encantou por Martine. É logo no primeiro gole de Vinho Jerez Amontillado que diz: “extraordinário”, enquanto os demais comensais respondem com questões fora do

28 Dias 2008: 161.

29 Dias 2008: 161.

30 Langowski (20--?: 2) aborda a falta de “espírito” cultural gastronômico da comunidade de Jutlândia, responsável pelas diferenças de apreciações do banquete de Babette feitas pelo General Lorens e pelos moradores da Jutlândia.

contexto das conversas, como sobre o clima que está na Jutlândia nos últimos dias, como uma forma de não se entregar à gula. A população tem o medo de cometer gula, pois acreditam na sua caracterização como pecado e nas suas consequências. Mas o General não se identifica com a mesma moralidade religiosa dos moradores da vila. Assim, no filme, torna-se evidente que as crenças tem fundo moral cristão.

Não resistir às tentações e cometer um dos pecados capitais é a porta de entrada para outros desejos. De acordo com Gregório Magno, isso se deve ao facto de a gula ser destruidora não só do corpo, mas também da alma. Assim como a luxúria, a gula envolve o prazer que satisfaz o corpo sendo este considerado um alvo mais fácil de ser atingido pelo mal, para depois conseguir enfraquecer o espiritual. As “filhas da gula” são outros resultados que surgem após cometer o pecado da gula³¹, e são: a alegria ignorante, a expansividade debochada, o palavreado desvairado, a imundície e a anestesia da inteligência³².

Em *A Festa de Babette*, a população aos poucos se rende às tentações da gula (pelo consumo exagerado, devido à quantidade de pratos servidos e também pelo refinamento dos mesmos), não sendo possível ignorar o paladar. Esta constatação é manifestada ao longo do banquete, quando as expressões faciais dos moradores vão mudando e leves sorrisos vão aparecendo; as iguarias que são consumidas integralmente, sem sobras

31 Sendo a Bíblia a maior referência para os cristãos, há no livro sagrado várias indicações de que os glutões podem facilmente cometer os outros pecados como a luxúria, a soberba e a preguiça. Por exemplo, no Livro de Judite (Jt 1-16), no Antigo Testamento, apresenta-se a história de uma viúva chamada Judite (Jt 8:1). Com a tomada de poder, Nabucodonosor, cheio de orgulho, manda seus exércitos liderados por Holofernes tomarem as aldeias que haviam resistido ao seu poder (Jt 2:1-18). Os assírios cercam uma aldeia do povo de Israel (Jt 7:1-25). Judite, uma viúva, sai da aldeia e vai até o exército inimigo dizendo que ela ajudará o rei da terra, Nabucodonosor (Jt 10:1-20). Em um momento de gula de Holofernes, este se embriaga, é tomado por outro pecado, a preguiça, e em seu leito adormece (Jt 12:10-20). Judite vai até seu leito e em nome de Deus com uma espada nas mãos atinge a nuca de Holofernes e decepa a cabeça do homem (Jt 13:1-10). Tendo sido encontrado pelo exército nesse estado, todos bateram em retirada desistindo da conquista do povo de Israel (Jt 15:1).

32 S. Tomás de Aquino 2007: 79-82.

nos pratos; e a senhora que bebe água somente após provar os vinhos, e então demonstra que a água já não lhe agrada tanto quanto o vinho, pelo que este é bebido novamente.

Apesar de cometerem o pecado da gula durante o jantar, levando em consideração a formação cristã dominante na aldeia, a partir do momento em que os comensais cedem à gula, os conflitos entre eles vão sendo resolvidos. Os conflitos entre os moradores vão sendo perdoados através das conversas e sorrisos e a união volta ao grupo. O símbolo máximo dessa conciliação é a imagem de todos, no exterior da casa, compondo um círculo a cantarem e sob um céu estrelado.

A população da Jutlândia no momento do banquete se desvia da virtude da temperança, ou seja, do alimentar-se para sobreviver sempre com moderação. Entre o excesso e o equilíbrio, tanto para a gula quanto para a luxúria, tem-se um limite ténue entre necessidade e pecado. A nutrição, tal como a reprodução são essenciais para a sobrevivência e perpetuação das espécies. Portanto, considerando o tempo e espaço atuais, sexo e comida devem existir na vida e serem consumidos pelo humano, mas, de acordo com a teologia cristã, não podem sobrepor o prazer que essas qualidades proporcionam ao corpo à necessidade vital da alma³³.

Como comentado anteriormente, as regras morais, o bem e o mal, ou o moral e o imoral, respectivamente, são delimitados por tempo e espaço e susceptíveis a mudanças. Os códigos morais respeitam um próprio ciclo de vida, ou seja, tem sua popularidade e credibilidade variáveis, e podem se extinguir e depois voltarem ou serem substituídos por novos conceitos de moral³⁴. Ao passo que, a caracterização do certo e do errado, de acordo com o Cristianismo, também se adapta ao tempo. Portanto, é preciso contextualizar a análise do filme, que é feita sob um olhar contemporâneo, que desculpabiliza, ou reabilita

33 Dias 2008: 162.

34 Thomson 2010: 18.

a gula pela arte culinária, mas aplicado a uma história passada nos inícios do XIX³⁵.

Afinal, sob um olhar contemporâneo, o que seria da gastronomia atual sem a gula? As variedades de pratos e o prazer à mesa, atualmente, são permitidos. As misturas culinárias cheias de requintes fazem do *gourmandise* ou gastrónomo de Brillat-Savarin³⁶, apreciador da boa comida, render-se ao prazer ao paladar. Aliás, o general Lorens pode-se dizer ser um gastrónomo devido ao seu paladar requintado e ao seu apreço pela boa comida e bebida, das quais guarda em sua memória. Sua referência é o Café Anglais em Paris. O Café Anglais realmente existiu durante o período de 1822 a 1913 em Paris. No filme, Babette se revela a antiga *chef* desse estabelecimento e suas deliciosas iguarias são lembradas, embora Babette não seja identificada diretamente, reconhecida como “uma *chef* mulher”, como se percebe nas falas do General Lorens.

Na realidade, os méritos pela qualidade da gastronomia do restaurante são dados ao *chef* Adolphe Dugléré que compôs alguns pratos em homenagem a personagens célebres da época, como, o *pommes Anna*, feito com rodelas finas de batata que eram douradas em manteiga, e o *potage Germiny*, que é uma mistura de azedinhas, ovos e creme fresco³⁷.

Os pratos famosos por Dugléré não são aqueles preparados por Babette em seu banquete, mas os de Babette também pertencem à culinária francesa. A gastronomia da França marca a origem desse estudo culinário. A principal característica dessa gastronomia é o requinte envolvido na variedade de ingredientes, nas formas de preparo dos pratos e nos detalhes de apresentação dos mesmos.

35 Da mesma forma que considerar o excesso do consumo da media, como a internet, como pecado, conforme dito pelo então Cardeal James Stafford, durante a época da páscoa de 2006 (Dias 2008: 97).

36 Brillat-Savarin 1995.

37 Freixa e Chaves 2008: 125.

Enquanto para a população de Jutlândia, esse banquete francês contém provocações pecadoras que querem evitar, para Babette é um caminho para lembrança de sua pátria mãe, a França. Sua animação na cozinha é especialmente maior naquele dia. Essa excitação pôde ser intuída logo ser percebido quando dedicou uma semana à compra dos ingredientes e demais preparativos, como pelo seu entusiasmo ao falar do vinho *Clos de Vougeot* de 1845, ou pelos seus sorrisos únicos nesse dia, nunca dantes vistos ou ao menos mostrados até aquele ponto do filme.

Quando Babette degusta a taça de vinho, sentido a coloração, aromas e sabores, a imagem que nos passa é de que seu corpo não está somente passando pela experiência dos cinco sentidos humanos, mas sim, pelo um passado vivido em Paris³⁸.

Sobre o roteiro do filme, Langowski³⁹, coloca a expressão de ex-pecadora para a personagem Babette e de atual espectadora que irá assistir à sua vida a passar. Com o fim do banquete, as irmãs recebem as palavras de Babette de que ela havia gasto todo o valor que ganhou na loteria para as compras daquele jantar e que ela fora a *chef* do Café Anglais. Babette é reconfortada pelas irmãs que dizem que ela continuaria a servir pratos magníficos aos anjos no céu e que nunca seu valor como *chef* seria esquecido. Essa passagem ajuda-nos a perceber que o filme traz a noção de que há dois conceitos para a felicidade ser alcançada: um a partir do sucesso material, e outro, o sucesso espiritual. Assim, como coloca Langowski⁴⁰, no filme a noção de pecado é confrontada com a ideia de felicidade, sendo o banquete de Babette a demonstração desse conflito.

Lorens e Papin acreditam que a felicidade está no materialismo. Lorens que conheceu Martine e se encantou por ela, por um momento

38 Essa cena faz-nos lembrar do filme *O tempero da vida* (Boulmetis 2003) onde as memórias de infância da personagem Fanis na terra em que cresceu são relacionadas a situações envolvendo comidas e temperos.

39 Langowski 20--?: 2.

40 Langowski 20--?: 1.

se imagina naquele vilarejo longe de todo o luxo. Porém, é ganancioso e vaidoso e não abdica do seu sucesso como oficial e cavalheiro para ficar com a moça, dizendo que o mundo é sua herança. Determinado a avançar na sua profissão, torna-se General, e, assim, vê sua vaidade em sua boina com uma notável e longa pluma branca.

Já Papin como cantor parisiense, deseja a fama, e estendê-la também para a sua amada Filippa. Porém, Filippa que acredita na sua vida simples e que a felicidade está na espiritualidade, rejeita o ideal de Papin, de ser uma estrela nos palcos de Paris e enriquecer com o talento da sua voz.

A crítica à escolha isolada de uma das formas de se conseguir a felicidade pela materialidade ou pela espiritualidade acontece no banquete de Babette. Percebe-se que os personagens não são integralmente felizes com a observação dessa dinâmica externa das unidades. O alimento representa o bem material que trará felicidade à população religiosa que até então vivia sob a ideia fixa de se seguir apenas o espiritual.

O jantar permite que vejam a qualidade da matéria. Por fim, juntando a espiritualidade seguida através da religião protestante e a materialidade com o desfrutar do prazer do alimento, se atinge um equilíbrio. Esse equilíbrio é que levará à verdadeira felicidade, e todos sentem isso quando se perdoam por situações passadas e cantam juntos em um círculo ao ar livre com o céu estrelado⁴¹.

231

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme *A Festa de Babette* é apenas um dos que abordam a temática alimentar. Durante todo o enredo, a alimentação é envolvida de uma

41 O mesmo senso de equilíbrio entre a fé e o pecado pode ser percebido no filme *Chocolate* (Hallström 2000). O ambiente fica mais feliz quando a população da pequena cidade francesa acrescenta a sua vida os chocolates produzidos pela estrangeira Vianne sem deixar de acreditar e seguir os preceitos do catolicismo.

forma ampla alcançando seus significados culturais, religiosos, sociais e económicos. Percebe-se a comida como um suporte de vida que fornece uma necessidade básica, como quando presente na dieta dos idosos, e também como um mediador social, por exemplo, no banquete de Babette.

Aliás, é no banquete de Babette que a alimentação é fortemente evidenciada como um elemento narrativo principal. A comida é responsável por mediar as relações pessoais e pela afirmação do equilíbrio na comunidade e na vida de todos os personagens. As simbologias atribuídas aos alimentos estarão presentes no banquete de Babette e a partir deste é que ressurge a harmonia e união representadas ao final com o círculo formado pelos comensais de mãos dadas.

As diferenças culturais, ressaltadas no filme, pela origem francesa de Babette e pelo estilo de vida em Jutlândia, podem constituir fontes de conflito. Vemos que os significados da gula e do pecado variam entre os personagens. Mais do que isso, sob uma óptica contemporânea, o filme explora as noções de pecado e felicidade, conceitos que permitem variadas interpretações, de acordo com os aspetos sociais, temporais e espaciais.

O requinte e o prazer de comer podem ser condenados ou apreciados. O pecador foge do desejo daquele prazer carnal, que considera maligno e mortal, e que é colocado à mesa, tentando-o a cada prato servido durante o jantar de Babette. Já o gastrónomo almeja o requinte de um banquete, e enxerga as qualidades dos pratos. Algo que o pecador considera pecado, o gastrónomo aprecia como suculento e delicioso ao paladar, olhar e aroma.

AGRADECIMENTOS

Ao Doutor Jorge Humberto dos Santos Seabra agradeço pelos conhecimentos partilhados durante a disciplina *Eat Drink Man Woman: o Cinema e a Comida*, do Mestrado em Alimentação-Fontes, Cultura e Sociedade, da Universidade de Coimbra; à Doutora Carmen Isabel Leal Soares, por

pelo auxílio na publicação deste trabalho; e à Doutora Paula Cristina Barata Dias por toda a atenção dedicada a esta obra.

BIBLIOGRAFIA

- André, M. G. (2002), “A Festa de Babette: uma alegoria da ressurreição”, *Margem* 15: 57-86. Disponível em: <<http://www4.pucsp.br/margem/pdf/m15mga.pdf>>. Acesso em: 24 de março de 2014.
- Bíblia (2008), *Bíblia Sagrada*. São Paulo, Editora Ave Maria.
- Brillat-Savarin, J. (1995), *A fisiologia do gosto*. São Paulo, Companhia das Letras.
- Cardoso, S. R.; Antonio, H. A. C. (2006), “Comida, sabor e ação! A alimentação no cinema como linguagem e identidade cultura”, *Baleia na rede* 3.1: 153-160. Disponível em: <<http://revistas.marilia.unesp.br/revistas/index.php/baleianarede/article/viewFile/1377/1202>>. Acesso em 19 de maio de 2014.
- Dias, P. B. (2006), “O catálogo dos pecados mortais: a sua presença na cultura antiga e contemporânea (1-Introdução)”, *Boletim de Estudos Clássicos*, 45:95-102.
- Dias, P. B. (2008), “A linguagem dos alimentos nos textos bíblicos sentidos para a fome e para a abundância”, *Humanitas* 60: 157-175. Disponível em: <http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas60/11_Dias.pdf>. Acesso em: 24 de março de 2014.
- Elias, N. 1897-1990 (1994), *O processo civilizador - uma história dos costumes*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.
- Ewald Filho, R. e Lebert, N. (2007), *O cinema vai à mesa: histórias e receitas*. São Paulo, Editora Melhoramentos.
- Freixa, D. e Chaves, G. (2008), *Gastronomia no Brasil e no mundo*. Rio de Janeiro, Senac Nacional.
- Kleiberg, A. (2010), *Sete pecados capitais - uma nova abordagem*. Lisboa, Quetzal Editores.
- Langowski, G. R. (20--?), “A Festa de Babette, um contexto histórico da gastronomia à luz da filosofia e da religião”, *História da alimentação - história, cultura & sociedade*. Disponível em: <<http://www.historiadaalimentacao.ufpr.br/artigos/artigo012.html>>. Acesso em: 1 de abril de 2014.

- Lopes, B. M. (2010), “A confissão e os pecados capitais no Portugal do fim do século XV ao início do século XVI”, *Revista Historiador Especial*, n.1, ano 03. Disponível em: < <http://www.historialivre.com/revistahistoriador/espum/barbara.pdf>>. Acesso em: 19 de março de 2014.
- Maciel, M. E. (2005), “Identidade cultura e alimentação”, in: Canesqui, A.M. e Garcia, R.W.D. (orgs.). *Antropologia e Nutrição: um diálogo possível*, Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ: 49-55.
- Parasecoli, F. (2015), “Tasting a New Home: Food Representations in Italian Neo-realist Cinema”, *Food and Foodways* 23: 36–56. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1080/07409710.2015.1011991> >. Acesso em: 18 de novembro de 2015.
- Paris-Bistro Editions. (2008-2011), “Café historique : Café Anglais - 3 boulevard des Italiens », *Paris 2ème*. Disponível em: <http://www.paris-bistro.com/culture/histoire/cafe_anglais.html>. Acesso em: 1 de abril de 2014.
- Roche, D. (1997), *História das coisas banais*. Circulo de Leitores.
- S. Tomás de Aquino (2007), *Os sete pecados capitais*. Lisboa, Padrões Culturais Editora.
- Santos, C. R. A. dos (2005), “A alimentação e seu lugar na história: os tempos da memória gustativa”, *História: Questões & Debates*. Curitiba, Editora UFPR, 42: 11-31.
- Thomson, O. (2010), *História do pecado*. Lisboa, Editores S.A, Guerra e Paz.

REFERÊNCIAS FÍLMICAS

- Axel, G., Panorama Film, Playarte Pictures, *A Festa de Babette*, 1987.
- Bird, B. e Pinkava, J., Pixar Animation Studios, *Ratatouille*, 2007.
- Boulemetis, T., Village Roadshow Productions, Imagem Filmes, *O tempero da vida*, 2003.
- Bross, S., Altavista Films, *Maus hábitos*, 2007.
- Ephron, N., Columbia Pictures, *Julie & Julia*, 2009.
- Hallström, L., Miramax Films, *Chocolate*, 2000.
- Itami, J., New Century Productions, *Tampopo*, 1985.